

ESCUTAR A CIDADE PELAS ONDAS DO RÁDIO: memória social e rádio pública em Belém do Pará ¹

LISTENING TO THE CITY THROUGH THE AIRWAVES: Social Memory and Public Radio in Belém, Pará

Jússia Carvalho da Silva Ventura ²

Resumo: *As dinâmicas contemporâneas da comunicação reconfiguram as formas de lembrar e narrar a cidade. Em Belém, o programa radiofônico Feira do Som, no ar desde 1972 na Rádio Cultura FM, constitui-se como espaço de mediação entre memória, gosto e pertencimento. Este trabalho analisa como, pelas ondas sonoras do rádio público, constrói-se e atualiza-se uma memória social e afetiva da capital paraense. Com base em pesquisa etnográfica com ouvintes e produtores, argumenta-se que o programa produz uma experiência sensível da cidade, na qual música, narrativa e interação cotidiana operam como dispositivos de atualização do passado. A memória que emerge é atravessada pelo gosto, entendido como forma sensorial de estar no mundo, e consolida uma comunidade afetiva que compartilha referências e paisagens urbanas. Ao mesmo tempo, revela processos seletivos de lembrança, indicando que toda memória é mediação e enquadramento, fazendo do rádio um arquivo vivo onde passado e presente se entrelaçam.*

Palavras-Chave: Memória Social 1. Rádio Pública 2. Cidade 3.

Abstract: *Contemporary communication dynamics reconfigure the ways in which the city is remembered and narrated. In Belém, the radio programme Feira do Som, broadcast since 1972 on Rádio Cultura FM, constitutes a space of mediation between memory, taste, and belonging. This paper analyses how, through the sound waves of public radio, a social and affective memory of the city is constructed and updated. Based on ethnographic research with listeners and producers, it argues that the programme produces a sensorial experience of the city in which music, narrative, and interaction operate as devices for the reactivation of the past. The memory that emerges is traversed by taste, understood as a sensory mode of being in the world, and consolidates an affective community that shares references and landscapes. At the same time, it reveals selective processes of remembrance, indicating that all memory is mediation and framing, thus rendering radio a living archive where past and present are intertwined.*

Keywords: Social memory 1. Public radio 2. City 3.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos de Memória e Comunicação. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

² Doutora em Sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). PossuPós-Doutorado em Comunicação pela Universidade de Sergipe. Mestra em Ciências da Comunicação pela UFPA. Pesquisadora do “Projeto Monitoramento Participativo” no Edital Amazônia +10 pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Email: jussiaventura@gmail.com

1. Memória, comunicação e cidade: caminhos teóricos e percurso da pesquisa

As transformações tecnológicas têm imposto adaptações às emissoras de rádio, possibilitando a formação de realidades híbridas que coexistem em espaços tecnológicos diferenciados, atendendo públicos igualmente diversos. Nesse cenário, os estudos sobre memória tornam-se centrais para compreender como os meios de comunicação participam da construção, atualização e circulação de narrativas sobre o passado. A memória, longe de constituir-se como depósito estático, manifesta-se como processo contínuo de construção e reconstrução, atravessado por linguagens, suportes e mediações.

A cidade, por sua vez, não é apenas espaço físico, mas moldura de uma vida. Ela é atravessada por temporalidades, afetos e experiências sensíveis que se reorganizam a cada lembrança. Pensar a cidade implica considerar as formas pelas quais ela é narrada, evocada e compartilhada coletivamente. Nesse movimento, memória e comunicação tornam-se dimensões indissociáveis, pois lembrar é também narrar e produzir sentidos sobre o vivido.

A memória social, conforme compreendida a partir de Halbwachs (1990), forma-se no interior de quadros coletivos que organizam e orientam as lembranças individuais. As experiências são lembradas a partir de pertencimentos e referências compartilhadas. Ao mesmo tempo, como argumenta Ricoeur (2016), memória e narrativa encontram-se imbricadas: o passado é sempre reconfigurado no ato de narrar, sendo atualizado no presente.

É nesse contexto que se insere o programa radiofônico *Feira do Som*, no ar desde 1972 e atualmente transmitido pela Rádio Cultura FM, emissora pública do estado do Pará, uma das mais antigas da Amazônia. Ao longo de décadas, o programa consolidou-se como espaço de encontro simbólico entre música, cidade e pertencimento. Mais do que um jornal musical, a *Feira do Som* tornou-se lugar de sociabilidade e atualização da memória urbana.

A hipótese que orienta este trabalho é a de que a construção da memória social e afetiva da cidade é potencializada quando mediada por um produto da Comunicação Pública. Tendo em vista, que os produtos da comunicação pública tendem a falar com e para o espectador, privilegiando conteúdos culturais e identitários. A rádio pública, nesse sentido, apresenta-se como dispositivo privilegiado de mediação simbólica.

A experiência da escuta desempenha papel central nesse processo. A rádio, ao operar por meio da voz, da música e da entonação, produz proximidade e continuidade. Como aponta Simmel (2006), as formas de sociabilidade emergem quando indivíduos se alinham a

partir de interesses e experiências compartilhadas. A escuta cotidiana da *Feira do Som* permite a tessitura de laços afetivos, consolidando uma comunidade que compartilha referências e paisagens urbanas.

A cidade evocada no programa é atravessada por temporalidades múltiplas. A evocação de uma “Belém antiga”, a lembrança de cinemas, praças, ruas e personagens urbanos produzem uma narrativa situada da cidade. O passado não é simplesmente recuperado, mas reorganizado na narrativa radiofônica, atualizando experiências e afetos. Nesse movimento, o gosto aparece como categoria central. Conforme Castro (2018), o gosto constitui experiência sensível e forma de relação com o mundo, construída nas interações culturais e no tempo vivido. A memória social mobilizada pelo programa é atravessada por esse gosto compartilhado, que produz pertencimento e afinidade eletiva. Por sua vez, como sugere Bourdieu (2017), os repertórios culturais mobilizados não são neutros. A seleção musical e as referências urbanas evocadas revelam processos de distinção e seletividade. Lembrar implica escolher, enquadrar e organizar o visível. A memória social, nesse sentido, é também construção situada, atravessada por disputas simbólicas.

Metodologicamente, esta investigação ancora-se na etnografia, compreendida como espaço de tensão entre proximidade e distanciamento. A pesquisa foi conduzida por meio de audição participante e não participante do programa, observação participante na produção e na recepção, além de entrevistas em profundidade com ouvintes e integrantes da equipe. Este artigo resulta de pesquisa de doutorado baseada em abordagem etnográfica, na qual foram realizadas 83 entrevistas com ouvintes, músicos, produtores culturais e integrantes da equipe do programa. Aqui, mobiliza-se um recorte interpretativo do material empírico, privilegiando interlocutores cujas narrativas evidenciam a construção da memória urbana mediada pela escuta radiofônica. Neste texto, são mobilizadas entrevistas de sete interlocutores³, cujas experiências permitem compreender a constituição sensível e compartilhada da memória da cidade.

A observação participante, conforme orienta Travancas (2011), possibilita a inserção do pesquisador no ambiente natural do fenômeno, permitindo compreender práticas, estratégias e significados. No caso desta pesquisa, ela ocorreu tanto na Rádio Cultura FM quanto na escuta junto a ouvintes, possibilitando acompanhar como a experiência radiofônica se articula ao

³ Os nomes dos interlocutores são pseudônimos, adotados conforme a tradição etnográfica, de modo a preservar o anonimato dos participantes e enfatizar o caráter interpretativo da narrativa de pesquisa.

cotidiano. Já as entrevistas em profundidade, conforme Oliveira et al. (2012) e Sousa (2003), permitiram acessar valores, lembranças e sentidos atribuídos pelos interlocutores à escuta do programa. A etnografia, conforme propõe Peruzzo (2003), não se restringe à coleta de dados, mas constitui processo interpretativo que busca captar o movimento do fenômeno em sua complexidade.

Durante a pandemia de Covid-19, em 2020 e 2021, quando a cidade pareceu silenciarse, a escuta da *Feira do Som* revelou-se forma de reconexão simbólica com Belém. A impossibilidade de circular fisicamente intensificou a experiência da cidade mediada pelas ondas sonoras, evidenciando o papel do rádio como arquivo vivo.

Este artigo está organizado em quatro momentos analíticos. Inicialmente, discute-se a relação entre memória, comunicação e cidade, situando o percurso teórico-metodológico da pesquisa a partir de Halbwachs (1990) e Ricoeur (2016). Em seguida, examina-se a rádio pública como dispositivo de mediação da memória social, mobilizando autores como Martín-Barbero (2009) e Sodré (2014) para compreender a escuta como prática comunicacional. No terceiro momento, analisa-se a cidade narrada e sensível construída na *Feira do Som*, evidenciando como memória, espaço e experiência urbana se articulam na escuta cotidiana. Por fim, aborda-se o papel do gosto na tessitura da memória social, a partir de Castro (2018) e Bourdieu (2007), destacando pertencimento, distinção e seletividade na construção da cidade lembrada.

Ao articular memória, comunicação e experiência sensível, este artigo busca contribuir para os estudos de memória e comunicação ao compreender o rádio público como dispositivo de mediação da memória social urbana. A *Feira do Som* evidencia que a memória não se apresenta como registro fixo, mas como processo continuamente atualizado nas práticas comunicacionais, no qual narrativa, escuta e temporalidade se entrelaçam. Ao mesmo tempo, revela que toda memória implica seleção, enquadramento e silenciamentos, configurando-se como construção situada. Escutar a cidade pelas ondas do rádio constitui, assim, forma de habitá-la simbolicamente, evidenciando a memória urbana como experiência sensível, coletiva e continuamente mediada.

Mais do que evidenciar a presença da memória no rádio, este artigo propõe compreendê-la como fenômeno sensível mediado comunicacionalmente. Ao observar a escuta radiofônica como prática situada, argumenta-se que a memória urbana não se sustenta apenas em quadros sociais, mas também em quadros comunicacionais, nos quais narrativa,

som e experiência produzem formas de pertencimento e atualização do passado. O rádio público aparece, assim, não apenas como meio de transmissão, mas como operador temporal e afetivo da memória urbana.

2. Rádio pública como dispositivo de mediação da memória social

Se, conforme Halbwachs (1990), a memória é construída socialmente e orientada por quadros coletivos, torna-se necessário examinar os dispositivos por meio dos quais tais quadros se atualizam. A comunicação, nesse contexto, não atua como simples registro do passado, mas como instância de mediação que organiza experiências, temporalidades e pertencimentos. No caso da rádio pública, essa mediação opera na simultaneidade da escuta, na repetição cotidiana e na partilha simbólica que transforma o som em espaço de encontro.

Nessa perspectiva, a noção de mediação torna-se central para compreender a articulação entre comunicação e experiência social. Conforme Martín-Barbero (2009), os processos comunicacionais não se reduzem à transmissão de conteúdos, mas configuram práticas culturais nas quais os sujeitos produzem sentidos a partir de suas experiências cotidianas. A mediação desloca o olhar do meio em si para as relações que se estabelecem entre comunicação, cultura e vida social, permitindo compreender como a memória se atualiza nas práticas comunicacionais.

Sob essa ótica, a comunicação constitui também forma de vínculo. Para Sodré (2014), comunicar implica instaurar um laço simbólico que conecta sujeitos em um mesmo horizonte de sentido. A rádio pública, ao operar por meio da simultaneidade da escuta e da partilha sonora, produz esse vínculo que sustenta pertencimentos e formas de reconhecimento coletivo. A memória mobilizada pelo programa emerge, portanto, no interior dessa rela o comunicacional.

A especificidade do rádio contribui para compreender essa dinâmica. Conforme Meditsch (2001), a linguagem radiofônica opera na intimidade da escuta, produzindo sensa o de proximidade e companhia. Essa característica favorece a constitui o de vínculos duradouros e a inser o do meio na rotina cotidiana dos ouvintes, permitindo que a memória seja continuamente atualizada na experiência da escuta.

Além disso, como destaca Ferraretto (2012), o rádio estrutura temporalidades no cotidiano, organizando horários, deslocamentos e práticas sociais. A escuta no horário do

almoço, no trânsito ou no espaço doméstico evidencia essa inserção do meio na vida urbana. O rádio não apenas acompanha o cotidiano, mas participa de sua organização simbólica.

A *Feira do Som*, programa musical diário criado em 1972 e veiculado pela Rádio Cultura FM, emissora pública do estado do Pará, constitui-se como um desses dispositivos. Ao longo de décadas, o programa consolidou-se como referência cultural da cidade, articulando repertórios musicais, narrativas urbanas e formas de reconhecimento coletivo. A permanência de sua estrutura e da voz de seu criador e apresentador histórico, Edgar Augusto, contribui para a sensação de continuidade que atravessa gerações de ouvintes. Essa continuidade tornou-se particularmente evidente durante a pandemia de Covid-19. Impedida de circular pela cidade e de realizar observações presenciais, eu passei a acompanhar diariamente o programa pelas ondas do rádio. Enquanto Belém parecia silenciar-se nas ruas, a cidade permanecia ativa na narrativa sonora. A escuta da *Feira do Som* tornou-se, nesse período, uma forma de caminhar simbolicamente pelo espaço urbano. A impossibilidade de presença física intensificou a percepção do rádio como mediação da memória.

Os interlocutores da pesquisa também expressaram essa experiência. Noam¹, ouvinte assíduo do programa, afirma que “a Feira toca, na minha percepção, uma Belém menos frenética... o programa me remete muito à cultura local”. Para ele, “a partir do programa me conecto com a cidade, porque o Edgar faz referência a várias coisas da cidade”. A escuta, nesse caso, ultrapassa o consumo musical e se configura como prática de pertencimento urbano.

Do mesmo modo, Helena descreve que “a sensação que eu tenho é que é a hora do almoço... normalmente escuto quando estou no carro... se está tocando uma música que eu gosto, eu paro e espero ela terminar”. A escuta organiza o tempo, estrutura rotinas e situa o sujeito na cidade. O rádio não apenas acompanha o cotidiano, mas participa da sua configuração.

Esses relatos evidenciam que a memória mobilizada pela *Feira do Som* não é fenômeno isolado. Conforme Halbwachs (1990), recordar implica pertencer a um grupo que compartilha referências e orienta o que deve ser lembrado. O programa funciona como quadro social no qual experiências individuais se articulam a uma narrativa coletiva da cidade. A memória emerge, assim, como prática continuamente atualizada na escuta presente. Além disso, a inscrição espacial dessa memória torna-se visível na evocação recorrente de bairros, cinemas, praças e personagens urbanos. Ao remeter a uma “Belém antiga”, o locutor

reinscreve a cidade como espaço vivido, mobilizando lembranças associadas a lugares específicos. Recordar implica localizar, e essa localização organiza a experiência coletiva do urbano.

Sob essa perspectiva, a escuta radiofônica aproxima-se do que Certeau (1994) denomina práticas do cotidiano, pelas quais os sujeitos produzem sentidos ao habitar o espaço. Ouvir a *Feira do Som* constitui forma de praticar simbolicamente a cidade, reinscrevendo-a na experiência vivida.

Paralelamente, a dimensão coletiva da escuta pode ser compreendida à luz da noção de sociabilidade proposta por Simmel (2006). Ainda que dispersos geograficamente, os ouvintes compartilham referências e afetos, constituindo um encontro mediado. O vínculo se estabelece menos pelo conteúdo instrumental e mais pela partilha simbólica que sustenta pertencimentos.

No plano temporal, a repetição ritualística do programa reforça essa mediação. Como argumenta Ricoeur (1994), a memória configura-se como refiguração narrativa da experiência temporal. A permanência da *Feira do Som* ao longo das décadas produz uma sensação de duração que articula passado e presente, permitindo que o tempo vivido seja continuamente atualizado na narrativa radiofônica.

A dimensão sensível desse processo também merece destaque. Conforme Castro (2018), o gosto constitui forma de relação com o mundo construída nas interações culturais e no tempo vivido. A memória evocada pelo programa é atravessada por esse gosto compartilhado, que mobiliza paisagens sonoras, repertórios musicais e atmosferas urbanas. Recordar, nesse contexto, é também sentir.

Entretanto, essa mediação não se apresenta como neutra. Como sugere Bourdieu (2017), os repertórios culturais mobilizados implicam seleções e enquadramentos que estruturam formas de distinção. A cidade lembrada pela *Feira do Som* resulta de escolhas simbólicas que reiteram determinadas espacialidades e experiências, revelando que toda memória social é construção situada.

Dessa maneira, o rádio não apenas comunica a memória, mas participa de sua produção. Ao reiterar narrativas, afetos e referências urbanas, atua como arquivo vivo no qual passado e presente se entrelaçam. A memória urbana emerge, assim, como prática mediada, situada na intersecção entre narrativa, sensibilidade e espaço. Nessa perspectiva, a mediação radiofônica não se limita a atualizar lembranças, mas reorganiza a própria experiência

temporal da memória. Ao instaurar continuidades, ritmos e repetições, o rádio configura uma forma específica de duração sensível na qual o passado não é simplesmente recordado, mas reinscrito no presente da escuta. A memória mediada deixa, assim, de operar como retorno a um tempo anterior e passa a constituir-se como refiguração contínua da experiência.

A especificidade da linguagem sonora também contribui para compreender essa mediação. A escuta radiofônica, ao operar por meio da voz, da entonação e da musicalidade, produz sensação de proximidade que atravessa o cotidiano dos ouvintes, favorecendo a constituição de pertencimentos e a atualização contínua da memória no tempo presente. A familiaridade da voz do locutor e a permanência da estrutura do programa contribuem para estabilizar referências, fazendo da repetição ritualística não apenas um elemento da programação, mas uma prática comunicacional que sustenta a continuidade simbólica entre gerações de ouvintes.

Nesse sentido, a cidade evocada pela Feira do Som é inseparável do meio que a enuncia. A cidade narrada é também cidade mediada, construída na intersecção entre linguagem sonora, experiência sensível e pertencimento coletivo. O rádio não apenas transmite memórias da cidade, mas participa ativamente de sua configuração simbólica.

É a partir dessa mediação que a cidade passa a ser experimentada não apenas como geografia, mas como memória compartilhada. A escuta da *Feira do Som* produz uma cidade narrada, evocada e sentida, na qual lembrança e experiência se articulam continuamente. No tópico seguinte, aprofunda-se essa dimensão, analisando como a narrativa radiofônica constrói uma cidade sensível e compartilhada, na qual memória, gosto e pertencimento se entrelaçam na experiência urbana mediada pela escuta.

3. A cidade narrada e sensível: memória, escuta e experiência urbana

A cidade evocada pela escuta não se apresenta como abstração, mas como geografia vivida e reconhecível. Conforme Halbwachs (1990), a memória coletiva organiza-se em quadros sociais que estruturam e estabilizam as lembranças, e o espaço ocupa posição central nesse processo. A memória não é exclusivamente interior nem psicológica; ela se ancora em suportes materiais e simbólicos que permitem ao grupo localizar-se no tempo e no espaço. Ruas, praças, bairros e cidades funcionam como quadros sociais da memória, capazes de ancorar identidades e narrativas compartilhadas. O espaço, portanto, não é pano de fundo neutro da experiência social, mas condição de possibilidade da própria lembrança.

Na escuta da *Feira do Som*, essa inscrição espacial torna-se evidente. A cidade evocada pelo programa não é genérica: ela tem nome, esquina, praça, cinema. A menção recorrente a bairros e equipamentos urbanos organiza uma cartografia afetiva que permite aos ouvintes situar suas memórias. Ao ouvir o programa, Noam afirma que “lembro das ruas, dos lugares, das histórias... é como se eu estivesse caminhando pela cidade”. A escuta produz deslocamento simbólico. A cidade não é apenas lembrada; ela é percorrida imaginariamente. Lembrar, aqui, implica situar-se.

Helena, que costuma ouvir o programa no carro durante o trajeto cotidiano, descreve que “quando ele fala de algum lugar, eu lembro de como era, de quando eu passava por lá”. A memória emerge vinculada a trajetórias concretas. A escuta reorganiza o percurso urbano. Nesse ponto, aproxima-se da reflexão de Certeau (1994), para quem a cidade é produzida nas práticas ordinárias, nos percursos e nos usos que os sujeitos fazem dela. Escutar a *Feira do Som* no trânsito é também praticar a cidade.

A espacialização da memória torna-se ainda mais visível quando os interlocutores nomeiam seus bairros. Jules, morador de Batista Campos⁴, relata que, quando o locutor menciona a praça do bairro, “eu vejo a praça na cabeça, lembro das caminhadas com meu pai”. A praça não é simples referência geográfica; ela opera como suporte material da memória coletiva. Halbwachs (1990) já indicava que os grupos fixam suas lembranças em quadros espaciais que conferem estabilidade à recordação.

Dona Margot, também moradora de Batista Campos e com mais de nove décadas de vida, afirma que “a Feira faz a gente lembrar da Belém que tinha mais coreto, mais encontro na praça”. Sua fala evidencia que o espaço urbano é inseparável das formas de sociabilidade. A praça não é apenas cenário, mas lugar de encontro. A memória urbana aparece como experiência relacional.

Tom, fotógrafo residente em Fátima⁵, menciona os antigos cinemas citados no programa: “Quando ele fala do Olympia, parece que ele ainda está ali”. A evocação radiofônica reinscreve o espaço desaparecido no presente da escuta. Aqui, dialoga-se com Ricoeur (1994): a narrativa refigura o tempo ao reorganizar o passado na experiência atual. O

⁴ bairro tradicional da região central de Belém, marcado por praças arborizadas e forte presença na memória histórica da cidade

⁵ bairro residencial consolidado próximo ao centro de Belém

cinema, ainda que fisicamente ausente, permanece como referência simbólica que sustenta pertencimento.

Camille, moradora do Paar⁶, afirma que “mesmo morando mais longe, eu me sinto dentro de Belém quando escuto”. Sua fala revela que a cidade narrada atravessa desigualdades territoriais e produz pertencimento simbólico. A paisagem sonora do programa conecta centro e periferia, aproximando territórios distintos em uma mesma memória compartilhada. A cidade, nesse sentido, aproxima-se do que Canevacci (1993) denomina cidade polifônica, composta por múltiplas vozes e espacialidades.

Entretanto, essa cidade narrada não é homogênea. Myla, jornalista do Jurunas⁷, observa que “é uma Belém bonita, mas não é toda”. Sua fala evidencia que os quadros sociais da memória também selecionam e enquadram. Halbwachs (1990) lembra que a memória coletiva se organiza a partir de grupos específicos; ela não é universal nem neutra. A cidade evocada pelo programa resulta de escolhas simbólicas que privilegiam determinadas espacialidades.

Ao mesmo tempo, essa cidade funciona como lugar de encontro. A escuta compartilhada produz o que Maffesoli (1998b) denomina comunidade afetiva. O vínculo não se estabelece apenas pela informação, mas pela partilha sensível de referências urbanas. A paisagem sonora composta por músicas, comentários, alusões a bairros e equipamentos urbanos constitui ambiência que sustenta pertencimento. A cidade é sentida.

Durante o trabalho de campo, essa dimensão tornou-se também perceptível para mim. No período de isolamento social, quando a circulação física foi interrompida, a escuta da *Feira do Som* tornou-se forma de caminhar simbolicamente por Belém. Ao ouvir referências a Nazaré, Batista Campos, Jurunas ou ao antigo cinema Olympia, eu reconhecia trajetórias e atmosferas. A cidade emergia na escuta como presença sensível. A experiência evidenciava que a memória urbana se estabiliza no cruzamento entre narrativa, espaço e sensibilidade.

Assim, a cidade construída na *Feira do Som* não corresponde a um inventário geográfico, mas a uma cidade narrada, praticada e sentida. Como propõe Ricoeur (1994), a narrativa organiza o tempo; como indica Certeau (1994), as práticas organizam o espaço; e, conforme Halbwachs (1990), a memória coletiva emerge na articulação entre grupo e quadro espacial. A cidade evocada pelo programa situa-se nesse entrecruzamento. Ela é

⁶ bairro periférico da região metropolitana de Belém

⁷ bairro popular historicamente vinculado às camadas trabalhadoras

simultaneamente geografia e experiência, espaço material e suporte simbólico, lembrança e prática cotidiana.

É a partir dessa cidade narrada e sensível que se pode compreender como a paisagem sonora e o gosto consolidam formas específicas de pertencimento urbano, articulando memória, distinção e comunidade afetiva.

A cidade narrada pela *Feira do Som* não é apenas evocada por meio de referências espaciais, mas constituída como experiência sensível mediada pela escuta. Ao articular música, comentário, memória e localização urbana, o programa não descreve a cidade como cartografia objetiva, mas a reconfigura como ambiência compartilhada. A paisagem sonora produzida cotidianamente reinscreve Belém no campo do sensível, fazendo com que ruas, praças, cinemas e bairros reapareçam não como simples coordenadas geográficas, mas como suportes de afetos, pertencimentos e distinções.

A cidade que emerge da escuta não é apenas evocada, mas produzida como experiência simbólica. A narrativa radiofônica não representa o urbano, mas reorganiza suas formas de percepção, reinscrevendo espacialidades, temporalidades e afetos. Nesse movimento, a cidade deixa de ser apenas objeto da memória e passa a constituir-se como condição de sua possibilidade, evidenciando que a experiência urbana é continuamente mediada e sensível.

Nesse movimento, a memória coletiva não apenas se ancora no espaço, mas o atualiza continuamente na experiência presente da escuta. A cidade emerge, assim, como moldura viva da vida social, configurada na intersecção entre narrativa, sensibilidade e mediação comunicacional, revelando que recordar é também habitar simbolicamente o urbano. Nesse movimento, a relação com o tempo assume tonalidade afetiva que se aproxima do que Santa Cruz (2014) compreende como cultura da memória, na qual o passado emerge como espaço de elaboração do presente e de construção de pertencimento. A evocação recorrente de uma Belém vivida não se reduz à idealização, mas constitui forma sensível de reorganizar a experiência do tempo. A nostalgia, nesse contexto, não opera como fuga, mas como mediação afetiva que permite aos sujeitos reinscreverem suas trajetórias no espaço urbano compartilhado, transformando a memória em experiência vivida no presente.

4. Gosto, distinção e comunidade afetiva na memória urbana mediada

Na escuta, a cidade não se apresenta apenas como lembrança, mas como experiência sensível compartilhada. É nesse campo que o gosto organiza a memória como forma de pertencimento. Na *Feira do Som*, a memória não se estrutura apenas por referências espaciais ou narrativas, mas por afinidades sensoriais que aproximam sujeitos, repertórios e paisagens sonoras, articulando memória, sensibilidade e reconhecimento coletivo.

Como propõe Castro (2018), o gosto não se reduz à preferência individual, mas constitui forma sensível de relação com o mundo, construída nas interações culturais e no tempo vivido. A memória evocada pelo programa é atravessada por essa dimensão sensorial. As escolhas musicais, as atmosferas sonoras e as referências culturais produzem uma cidade que não é apenas lembrada, mas sentida.

Os interlocutores expressam essa dimensão de forma recorrente. Noam afirma que “tem música que faz vir a cidade inteira... não é só lembrar, é sentir”. Helena observa que “quando toca certas músicas, eu volto para momentos da cidade, para fases da vida”. A memória emerge, assim, como experiência sensível compartilhada, na qual o som reorganiza temporalidades e afetos. Outros relatos reforçam essa relação entre gosto e pertencimento. Jules afirma que “a Feira tem um jeito de cidade que eu gosto”, enquanto Tom observa que “as músicas fazem a gente lembrar de como era viver a cidade”. Nessas falas, o gosto não aparece como escolha isolada, mas como forma de identificação com uma cidade sentida e reconhecida.

Entretanto, essa memória não se organiza de modo neutro. Como argumenta Bourdieu (2017), os repertórios culturais implicam seleções e distinções que estruturam formas de pertencimento. Essa seletividade evidencia que a memória mediada não apenas aproxima, mas também delimita. Ao privilegiar determinadas sensibilidades, repertórios e espacialidades, a narrativa radiofônica produz formas específicas de visibilidade e pertencimento, ao mesmo tempo em que silencia outras experiências do urbano. A memória social revela-se, assim, como campo de disputa simbólica, no qual lembrar implica também esquecer.

Myla observa que “nem toda Belém aparece ali, tem uma Belém mais presente”. Sua fala revela que a memória mediada envolve enquadramentos simbólicos que privilegiam determinadas sensibilidades, temporalidades e espacialidades. Ainda assim, é nesse compartilhamento seletivo que se constitui uma comunidade afetiva. Conforme Maffesoli (1998b), o vínculo social pode se estruturar na partilha sensível de experiências. Camille

afirma que, ao escutar o programa, “parece que a gente faz parte de um mesmo clima da cidade”. A escuta cotidiana produz um campo de reconhecimento mútuo no qual os ouvintes se identificam por meio de paisagens sonoras e memórias comuns.

Durante o trabalho de campo, essa dimensão tornou-se também perceptível na minha própria experiência. Ao acompanhar o programa diariamente, percebi que certas músicas, referências e atmosferas produziam continuidade afetiva. A escuta não apenas evocava lembranças, mas organizava modos de sentir a cidade. O gosto aparecia como operador da memória.

Nesse sentido, a *Feira do Som* não apenas rememora a cidade, mas participa de sua produção simbólica. Ao articular narrativa, espaço e sensibilidade, o programa atua como arquivo vivo, no qual passado e presente se entrelaçam continuamente. A memória urbana emerge como prática mediada, situada na intersecção entre comunicação, experiência sensível e pertencimento coletivo. Assim, compreender a memória social a partir da escuta radiofônica implica reconhecer que lembrar é também habitar simbolicamente a cidade. A cidade evocada pela *Feira do Som* não é apenas geografia, mas experiência sensível compartilhada, construída no entrecruzamento entre narrativa, gosto e mediação comunicacional. É nesse movimento que a memória se atualiza, produzindo uma cidade que permanece viva na escuta.

Desse modo, a memória mobilizada pela *Feira do Som* não se limita à evocação do passado, mas constitui prática sensível e compartilhada por meio da qual a cidade é continuamente reinscrita na experiência presente. O gosto, ao articular repertórios, afetos e paisagens sonoras, opera como mediador dessa memória, produzindo formas de reconhecimento e pertencimento que situam os sujeitos em uma cidade narrada e vivida simbolicamente (Ventura, 2023).

A cidade que emerge da escuta não corresponde a um inventário espacial fixo, mas a uma experiência mediada, na qual lembrança, sensibilidade e comunicação se entrelaçam. Nesse processo, a rádio pública atua como suporte simbólico da memória social, fazendo da escuta cotidiana um espaço de atualização do passado e de produção do comum. A memória urbana revela-se, assim, como prática situada, atravessada por seleções, afetos e vínculos, na qual recordar é também habitar simbolicamente a cidade.

5. Considerações finais

Este artigo partiu da compreensão, inspirada em Halbwachs (1990), de que a memória não se constitui como depósito estático, mas como processo social situado, organizado em quadros coletivos que ancoram as experiências no tempo e no espaço. Ao examinar a escuta da *Feira do Som*, evidenciou-se que a memória urbana se atualiza na intersecção entre narrativa, sensibilidade e mediação comunicacional, revelando que lembrar implica situar-se, reconhecer-se e partilhar referências.

A análise permitiu compreender, à luz de Martín-Barbero (2009), que a comunicação não opera apenas como registro, mas como mediação cultural por meio da qual os sujeitos produzem sentidos e reorganizam suas experiências. A escuta radiofônica, ao instaurar vínculos simbólicos e afetivos, sustenta continuidades e pertencimentos, fazendo do som um espaço de encontro. Nessa perspectiva, como sugere Sodré (2014), comunicar implica instaurar laços que conectam sujeitos em um horizonte comum, permitindo que a memória se reinscreva cotidianamente na experiência social.

A especificidade do rádio, conforme discutem Meditsch (2001) e Ferraretto (2012), evidencia-se na capacidade de produzir proximidade, companhia e organização temporal do cotidiano. A escuta reiterada transforma o som em ambiência compartilhada, fazendo da rádio pública um suporte simbólico que articula temporalidades, experiências e narrativas coletivas.

A cidade que emerge dessa mediação não se apresenta como geografia neutra, mas como prática vivida, narrada e sentida. Em diálogo com Certeau (1994), compreende-se que o espaço urbano é produzido nas práticas ordinárias, enquanto, conforme Ricoeur (1994), a narrativa refigura o tempo, permitindo que o passado seja continuamente atualizado no presente da escuta. A memória urbana, assim, inscreve-se em quadros espaciais e narrativos que sustentam pertencimentos e experiências compartilhadas.

Nesse percurso, destacou-se o papel do gosto como operador sensível da memória. Conforme Castro (2018), o gosto constitui forma de relação com o mundo construída nas interações culturais e no tempo vivido, permitindo que a cidade seja não apenas lembrada, mas sentida. Ao mesmo tempo, como argumenta Bourdieu (2017), toda memória implica seleções e enquadramentos que estruturam distinções simbólicas, revelando que a cidade lembrada é também construção situada.

É nesse compartilhamento sensível que se constitui, nos termos de Maffesoli (1998a), uma comunidade afetiva, sustentada pela partilha de experiências, atmosferas e paisagens

sonoras. A memória, como observa Santa Cruz (2014), opera então como elaboração do presente, permitindo aos sujeitos reinscreverem suas trajetórias em uma cidade simbolicamente partilhada.

Ao compreender a escuta radiofônica como prática de mediação da memória social, este artigo contribui para os estudos de memória e comunicação ao evidenciar o rádio público como espaço de atualização do passado e de produção do comum. A *Feira do Som* mostra que a memória urbana não se fixa, mas se move, se reorganiza e se atualiza continuamente, fazendo da escuta uma forma de habitar simbolicamente a cidade.

Escutar a cidade pelas ondas do rádio revela, assim, que a memória não é apenas lembrança, mas experiência sensível compartilhada, construída no entrecruzamento entre comunicação, narrativa, espaço e pertencimento. É nesse movimento que a cidade permanece viva, continuamente atualizada na escuta. Este trabalho contribui ao demonstrar que a memória urbana não se sustenta apenas em quadros sociais, mas em quadros comunicacionais sensíveis, nos quais mediação, escuta e gosto configuram formas de pertencimento e atualização do passado.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo/Porto Alegre, EDUSP/Zouk, 2007.
- _____. **Homo academicus**. 2 ed. Editora da UFSC, 2017.
- CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- CASTRO, Marina Ramos Neves de. Sociabilidades e sensibilidades no cotidiano da Feira do Guamá: uma etnografia das formas sociais do gosto. **Tese (Doutorado)** – Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), Universidade Federal do Pará (UFPA), 2018.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Sagra Luzzatto, Porto Alegre, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998a.

_____. **O conhecimento do cotidiano: para uma sociologia da compreensão**. Lisboa, 1998b.

MARTÍN-BARBERO, Jesús Martín. **Ofício de cartógrafo: travessias latino americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Fundo de Cultura; Econômica. 2002.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: Insular/Editora da UFSC, 2001

OLIVEIRA, Verônica; MARTINS, Maria de Fátima; VASCONCELOS, Ana Cecília. Entrevistas “em profundidade” na pesquisa qualitativa em administração: pistas teóricas e metodológicas. In: **Anais...SIMPÓSIO DE ADMINISTRAÇÃO DA PRODUÇÃO LOGÍSTICA E OPERAÇÕES INTERNACIONAIS**. 15., 2012, São Paulo. Anais... São Paulo: FGV, 2012. p. 1-12.

PERUZZO, Círcia M. Krohling. Da observação participante à pesquisa-ação em comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2003. p. 125-145.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa (Tomo I)**. Campinas: Papyrus, 1994.

_____. **Tempo e narrativa (Tomo I)**. v. 4. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2016.

SANTA CRUZ, Lucia. Memória e comunicação organizacional no Brasil: interfaces. **Organicom**, São Paulo, ano 11, n. 20, p. 177-188, 1º sem. 2014.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org.). **Simmel**. São Paulo: Ática, 2006. p. 165-181.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SOUSA, José Pedro. **Planejamento da comunicação: na perspectiva das relações públicas**. 2003.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 98-109.

VENTURA, Jússia Carvalho da Silva. Rádio, cidade, gosto e memória: uma etnografia da Belém que toca na feira do som. 2023. 235 f. **Tese (Doutorado)** – Instituto de Filosofia de Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2023.